

Isabel Capelo Gil

Reitora

(29-11-2018)

Homenagem a um Homem com Qualidades - Prof. Francisco Carvalho Guerra

Homenageamos hoje um homem com qualidades. Um homem, que pensa e age em sentido inverso ao da personagem do singular romance de Robert Musil, *O Homem sem Qualidades*, o cientista que olha o mundo como laboratório, mas que luta constantemente entre a razão e o espírito, olhando todas as possibilidades como viáveis, mas incapaz de se decidir e arriscar. Ulrich, o homem sem qualidades constitui um diagnóstico da situação aporética do sujeito da modernidade tecnológica, que face às enormes possibilidades de transformação que a ciência oferece à sociedade permanece tolhido, incapaz de escolher, de agir, de transformar. Não é esta a história do nosso homenageado, nem da instituição (a Universidade Católica Portuguesa) que, como disse Manuel Braga da Cruz, “lhe ofereceu o espaço de liberdade para inovar e criar em termos científicos e culturais.” A história da UCP, que celebrou 50 anos, e do seu Centro Regional do Porto, que agora assinala o seu 40º aniversário, fez-se de quem soube transformar o pensamento em ação. A era dos fundadores, aqueles que lhe deram robustez institucional e jurídica e traçaram as grandes linhas do seu desenvolvimento, foi seguida pela dos visionários que a expandiram e fizeram crescer, e dos construtores que robusteceram o projeto académico, a profissionalizaram e modernizaram. Francisco Carvalho Guerra moldou a Católica, aliou o olhar de cientista aos valores da fé, a curiosidade intelectual ao gesto empreendedor, a visão global ao cultivo de um empenhamento inabalável no local. Um homem com qualidades, portanto, que aliou a curiosidade da descoberta à realização.

Voz tonitruante, gesto largo, sorriso franco, um homem grande em pensamento, visão e ação, foi esta a primeira impressão deixada por Francisco Carvalho Guerra numa jovem Diretora da Faculdade de Ciências Humanas, na sua primeira reunião de Conselho Superior, num primaveril dia de março de 2005. Entre os que aqui hoje se reúnem para homenagear o Prof. Francisco Carvalho Guerra, assinalando o início das celebrações do 40º aniversário da fundação das atividades da Universidade Católica no Porto e do lançamento do 1º curso de Direito no Norte do país, sou talvez daquelas que há menos tempo o conhece, mas nem por isso a admiração que por ele sinto e o

reconhecimento pelo seu labor de construtor da UCP é menor. Efetivamente, nele tudo é inspirador, resoluto, assumido sem hesitação, o que, convenhamos, em espaços de diplomacia académica como o Conselho Superior não deixava/deixa de causar alguma agitação criativa. Mas era de clareza que se tratava e o nosso homenageado sempre foi um homem de causas claramente assumidas. Essas eram as causas do serviço à Igreja, do cultivo da ciência, da capacitação de Portugal e *last but certainly not least* de afirmação do Porto como grande pólo de conhecimento. É um homem grande para causas grandes, por definição sempre inacabadas, e justamente por isso o admiro desde a primeira hora.

Mais de 13 anos volvidos sobre esse primeiro contacto, dirijo-me ao Prof. Carvalho Guerra em nome da instituição que tem vindo a ajudar a construir ao longo dos últimos 40 anos. Faço-o também em nome dos 5 Reitores que me antecederam e com quem o Professor construiu o sonho, que se tornou projeto e hoje matéria singular: a Universidade Católica Portuguesa. Porventura, o mais simples é dizer que Carvalho Guerra foi um homem para as circunstâncias, agarrando-as com a generosidade de entender que na sua leitura empenhava o seu próprio desenvolvimento, como assinalou Ortega y Gasset nas *Meditaciones del Quijote*.

Dom José Policarpo, então Cardeal Patriarca de Lisboa, escreveu no livro de homenagem que lhe foi dedicado pelo CRP que: “Homenagear uma pessoa (...) é situá-la em determinados processos históricos em que participaram, recordá-la a agir, na grandeza dos ideias, na nobreza das motivações, na generosidade da entrega. As pessoas tornam-se grandes quando, com a sua ação, engrandeceram projetos que se revelaram positivos para a sociedade, quando deram um contributo positivo à história.”

De forma singular, os eventos da história também produzem a identidade e no caso de Francisco Carvalho Guerra não deixa de ser sintomática a sua relação com o percurso deste académico cosmopolita de raízes nortenhas. Em 1958, quando a Europa do pós-guerra, após a assinatura do Tratado de Roma em 1957, assumia que era na ciência que se encontrava o fundamento do seu futuro, celebrada efusivamente na Exposição Universal de Bruxelas, cujo lastro futurante se materializa no Atomium, Francisco Carvalho Guerra ruma aos Estados Unidos, onde se torna Fellow em Farmacologia na School of Medicine da Washington University, no Missouri. Os estudos que conduzem ao Doutoramento em Bioquímica na Universidade do Porto, em 1964, são o começo de um percurso internacional notável, sobretudo se pensarmos que ocorre bem antes da viragem internacional da ciência portuguesa. Ao reconhecimento

internacional com importantes funções em variados e reputados organismos internacionais, desde o Comité Científico da Nato, a UNESCO, ou comités e iniciativas científicas da CEE, acresce a sua nomeação como membro da New York Academy of Sciences (em 1973), acompanhando a sua clara liderança no panorama científico nacional, destacando-se como Diretor do Centro de Estudos de Bioquímica (U.Porto) (1965-1975), por duas vezes Presidente da Soc. Portuguesa de Bioquímica (1976-78 e 1989-91), ou da Soc. de Ciências Farmacêuticas (1999). O reconhecimento ocorre também por via das ordens profissionais, como a Ordem dos Farmacêuticos, da qual foi eleito Bastonário em 1973. O país, que por vezes é ingrato, reconheceu o seu valor, condecorando-o como Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública, a Universidade do Minho outorgou-lhe o grau de Doutor Honoris Causa, a França concedeu-lhe a Ordem das Palmas Académicas (*Ordre des Palmes Académiques*), o Papa São João Paulo II condecorou-o com a Comenda de S. Gregório Magno.

Homem de fé, tem-se desde sempre empenhado na afirmação pública da sua identidade como católico. Ao cientista não se conhece qualquer contradição entre a racionalidade analítica que consubstancia a investigação e a exigência ética dos valores de matriz cristã. Viveu efusivamente o tempo do Concílio Vaticano II e com especial atenção assumiu o desiderato da Declaração *Gravissimum Educationis*, que dele resulta (1965), em particular o incentivo ao desenvolvimento de institutos científicos nas universidades católicas: “Visto que as ciências progredem sobretudo mercê de investigações especiais de maior alcance científico, favoreçam-se o mais possível nas Universidades e Faculdades católicas aqueles institutos cujo fim primário é a promoção da investigação científica.” Em 65, não existia Universidade Católica em Portugal. Carvalho Guerra era um jovem doutor da Universidade do Porto, e ao serviço dessa casa fez uma carreira académica brilhante, tornando-se Prof. Catedrático em Bioquímica, em 1971, e assumindo múltiplas responsabilidades de gestão académica e científica, incluindo como Vice-Reitor entre 1985 e 1991.

Em 1978, respondendo a um quesito de D. António Ribeiro, então Patriarca de Lisboa, se o Porto não quieria a UCP na cidade, o Prof. Francisco Carvalho Guerra, juntamente com o Prof. Mário Pinto, então Diretor da Faculdade de Ciências Humanas apresentam a ideia ao Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes. Inicia-se assim o Curso de Licenciatura em Direito (o 1º no Norte do país) e o processo de alargamento da UCP ao Porto, que desde esta data e em fases sucessivas foi sendo coordenado pelo nosso homenageado. Em 1991, torna-se Presidente do Centro Regional do Porto da

UCP, cargo que ocupa até 2006. Nestes anos, o seu pioneirismo visionário revela-se na capacidade de olhar para os limites do desenvolvimento da ciência, de pensar à frente (think ahead), criando a primeira Escola de Biotecnologia do país, hoje líder na investigação em várias áreas cruciais para o futuro da humanidade (sistemas alimentares sustentáveis, valorização de resíduos e economia circular), ou a Escola das Artes, com um projeto pedagógico-científico centrado no cruzamento entre arte e tecnologia, absolutamente inovador no panorama nacional.

Francisco Carvalho Guerra é um homem para e das circunstâncias. O local e a família onde nascemos e fomos criados, a língua que falamos, a comunidade a que pertencemos, os estudos que fazemos, os afetos que geramos, fazem-nos crer que a singularidade identitária é sobretudo um espaço de colisão dialógica de mundos e pessoas que nos co-criam. E é por isso, que não deixamos de ser também contraditórios e por isso mesmo fascinantes e inteiros seres humanos. Porque destas circunstâncias faz também parte a imagem de um marido carinhoso, que conheceu a sua mulher aos 12 anos, pai de 11 filhos, de um homem de Braga apaixonado pelo mundo rural, que poda as árvores de fato e gravata, grande apaixonado do Rali de Portugal e organizador de campeonatos de matrecos na Praia da Aguda. O Pe Roque Cabral liga o cientista cosmopolita ao português nortenho, dizendo que é um ‘intelectual com alma de camponês’. Sobretudo, como escreveu o seu amigo Mário Soares, Francisco Carvalho Guerra é ‘homem bom’. A Católica que ajudou a construir não poderá com palavras expressar o muito que lhe deve, o tanto que por ela fez, os caminhos que por ela desbravou. Consciente desta insuficiência verbal para expressar o sentimento coletivo, ousou, por isso, utilizar as palavras de um grande poeta D. José Tolentino de Mendonça para um agradecimento final, dizendo-lhe que “O que por palavras nos está oculto/no silêncio crepita/ em intimidade.”

Obrigada, Prof. Francisco Carvalho Guerra.